

O riso melancólico do absurdo

EMÍLIA COSTA

Título: Encontrar o Sol. Autor: Edward Albee. Encenação: Ricardo Neves-Neves. Tradução: João Paulo Esteves da Silva. Direcção musical: João Paulo Esteves da Silva. Apoio vocal: João Henriques. Sonoplastia: Sérgio Delgado. Luz: Elduplo. Cenografia: Tiago Pinhal Costa. Figurinos: José António Tenente. Interpretação: Cucha Carvalheiro, Custódia Gallego, Luís Gaspar, Marques d'Arede, Romeu Costa, Rita Cruz, Tânia Alves e Tadeu Faustino. Produção: Teatro do Eléctrico, Theatro Circo e São Luiz Teatro Municipal. Local e data de estreia: Sala Luis Miguel Cintra do São Luiz Teatro Municipal, Lisboa, 17 de Fevereiro de 2017.

Título: Karl Valentin Kabarett. Autor: Karl Valentin. Encenação: Ricardo Neves-Neves. Tradução: Almeida Faria, Jorge Silva Melo, Luíza Neto Jorge, Maria Adélia Silva Melo e Osório Mateus. Assistência de encenação: Rafael Gomes. Direcção musical: Rita Nunes. Apoio vocal: João Henriques. Orquestra: Francisco Andrade, Ivo Rodrigues, José Almeida, José Massarrão, Marcos Lazáro, Rita Nunes, Rui Pereira, Simon Wadsworth, Tomás Pimentel e Xavier Ribeiro. Cantor: Tiago Amado Gomes. Sonoplastia: Sérgio Delgado. Coreografia: Tiago Careto. Figurinos: Rafaela Mapril. Interpretação: Elsa Galvão, Fernando Gomes, Joana Campelo, José Leite, Márcia Cardoso, Rafael Gomes, Rita Cruz, Sílvia Figueiredo, Tadeu Faustino, Tânia Alves e Vítor Oliveira. Produção: Teatro do Eléctrico, Festival de Almada e Teatro da Trindade. Local e data de estreia: Palco Grande da Escola D. António da Costa, Festival de Almada, Almada, 10 de Julho de 2017.

E a dona da casa disse-me: «Vai ver que o peixe lhe morre aí no chão, era melhor o senhor matá-lo.» Para ele não ter de sofrer tanto, pensei eu, matá-lo com um martelo? És mas é capaz de martelar um dedo, vou mas é fuzilá-lo. Então pensei: és capaz de não lhe acertar bem, e então é que ele tem mesmo de sofrer. É melhor, pensei eu. Vou mas é levar o peixe para o rio e afogo-o!

KARL VALENTIN, *O Aquário*

O que poderá existir de comum entre Karl Valentin e Edward Albee? O primeiro: um famoso autor e actor de comédias, quer no teatro quer no cinema, natural da Alemanha, que atingiu o auge do seu sucesso durante



ENCONTRAR O SOL, DE EDWARD ALBEE, ENC. RICARDO NEVES-NEVES, TEATRO DO ELÉCTRICO, THEATRO CIRCO E SÃO LUIZ TEATRO MUNICIPAL, 2017 (LUÍS GASPAR, TÂNIA ALVES, CUCHA CARVALHEIRO, TADEU FAUSTINO, CUSTÓDIA GALLEGO, MARQUES D'AREDE, RITA CRUZ E ROMEU COSTA), [F] ALÍPIO PADILHA

a denominada República de Weimar – período que mediou entre as duas guerras mundiais no século xx –, sendo, por muitos, considerado o Charlie Chaplin europeu.

O segundo: um consagrado dramaturgo norte-americano da segunda metade do século xx, vencedor de três prémios Pulitzer, exemplar na abordagem dramática do conflito do Homem ante as exigências opressivas da actual sociedade moderna, numa angustiante e inelutável solidão.

Aparentemente, será reduzido o universo que ambos partilham. Porém, quem assistiu aos espectáculos *Encontrar o Sol* e *Karl Valentin Kabarett*, ambos encenados por Ricardo Neves-Neves, no âmbito de co-produções entre o Teatro do Eléctrico (fundado em 2008, entre outros, por Ricardo Neves-Neves e Rita Cruz) e vários parceiros¹, facilmente compreenderá que, apesar das indeclináveis diferenças, muitas são as semelhanças. Tal identidade poderia ser superficialmente explicada pela circunstância incontestável de ambas as peças se apoiarem em elementos rítmicos e musicais, de cunho acentuadamente humorístico, características indeléveis das encenações de Ricardo Neves-Neves. No entanto, bastará atentar na leitura da peça curta em um acto, escrita por Albee em

1 Conforme fichas técnico-artísticas dos dois espectáculos.



ENCONTRAR O SOL, DE EDWARD ALBEE, ENC. RICARDO NEVES-NEVES, TEATRO DO ELÉCTRICO, THEATRO CIRCO E SÃO LUIZ TEATRO MUNICIPAL, 2017 (CUSTÓDIA GALLEGO E CUCHA CARVALHEIRO), [F] ALÍPIO PADILHA



ENCONTRAR O SOL, DE EDWARD ALBEE, ENC. RICARDO NEVES-NEVES, TEATRO DO ELÉCTRICO, THEATRO CIRCO E SÃO LUIZ TEATRO MUNICIPAL, 2017 (TADEU FAUSTINO E RITA CRUZ), [F] ALÍPIO PADILHA



KARL VALENTIN KABARETT, DE KARL VALENTIN, ENC. RICARDO NEVES-NEVES, TEATRO DO ELÉCTRICO, FESTIVAL DE ALMADA E TEATRO DA TRINDADE, 2017 (SÍLVIA FIGUEIREDO), [F] ALÍPIO PADILHA

1983, e das dezasseis peças curtas seleccionadas para o espectáculo *Karl Valentin Kabarett*, escritas por Valentin na primeira metade do século XX, para reconhecermos, na primeira, a comicidade do absurdo nos pequenos nadas da vida quotidiana, e, nas restantes, a melancólica solidão que se esconde nos risos fáceis perante a descrição ritualista da absurdidade dos hábitos, das relações e da própria existência humana.

Albee, apesar da tragicidade inerente ao percurso evolutivo das suas personagens, possui uma particular familiaridade com o ridículo, usando com frequência protagonistas absurdamente pueris e patéticos, cujo disparate apela ao riso no meio dos mais funestos acontecimentos. É este, aliás, o aspecto dominante que o distingue de Arthur Miller e Tennessee Williams, outros dois grandes nomes da dramaturgia norte-americana, com os quais costuma ser frequentemente comparado, conferindo-lhe uma frescura e contemporaneidade no tratamento dramaturgico das suas peças que inelutavelmente escapa a estes.



KARL VALENTIN KABARETT, DE KARL VALENTIN, ENC. RICARDO NEVES-NEVES, TEATRO DO ELÉCTRICO, FESTIVAL DE ALMADA E TEATRO DA TRINDADE, 2017 (ELSA GALVÃO, JOSÉ LEITE, VÍTOR OLIVEIRA, TÂNIA ALVES, RITA CRUZ, TADEU FAUSTINO, SÍLVIA FIGUEIREDO, RAFAEL GOMES, MÁRCIA CARDOSO E JOANA CAMPELO), [F] ALÍPIO PADILHA

Em *Encontrar o Sol* deparamo-nos com oito personagens distribuídas por quatro pares, atribuindo-se a cada elemento masculino o seu parceiro feminino e vice-versa, numa peça onde o género é elemento basilar da trama. Na realidade, numa praia concorrida, encontram-se, num espaço físico de grande proximidade, três casais, Daniel e Cordélia, Benjamim e Abigail e Gertrudes e Henden, sendo que este é pai de Daniel e Gertrudes é mãe de Cordélia; por sua vez, Daniel e Benjamim, no passado, antes de terem casado com as respectivas mulheres, já foram namorados. Apenas o quarto par é alheio a este enredo, composto por Edmee e Fergus, respectivamente, mãe e filho. Este inusitado encontro entre os antigos namorados faz desmoronar a frágil estabilidade daqueles dois casamentos e põe a nu o sofrimento e a solidão das mulheres preteridas pelos maridos. E se Cordélia, através do seu cinismo mordaz e falsamente indiferente, consegue camuflar a sua infelicidade, já Abigail, de natureza emotiva, afunda-se nas certezas dolorosas do desamor, perdendo qualquer réstia de auto-estima e, ao mesmo tempo, a vontade de viver. É exactamente neste contexto de acentuado desespero que Albee dissemina pinceladas de requintado humor, aflorando o absurdo, como na descrição que Henden



KARL VALENTIN KABARETT, DE KARL VALENTIN, ENC. RICARDO NEVES-NEVES, TEATRO DO ELÉCTRICO, FESTIVAL DE ALMADA E TEATRO DA TRINDADE, 2017 (JOANA CAMPELO, FERNANDO GOMES, TÂNIA ALVES, TADEU FAUSTINO, MÁRCIA CARDOSO, JOSÉ LEITE, RITA CRUZ E RAFAEL GOMES), [F] ALÍPIO PADILHA

(personagem de setenta anos que pressente a morte) faz a Fergus sobre o falecimento da sua primeira esposa, ou ainda na divertidíssima exposição de Gertrudes sobre as suas insónias, que ocupa muitas vezes escrevendo longas cartas «sábias, instrutivas, úteis – aos nossos dirigentes», raramente postas no correio, pois «podia mudar o mundo; não ia servir de nada – para pior, já basta assim».

Já em *Karl Valentin Kabarett*, apesar de sermos constantemente confrontados com o burlesco, irreprensivelmente disfarçado de racionalidade, não deixamos de nos reconhecer naquelas minudências estéreis, tantas vezes razões últimas de zangas, vinganças, assassinatos e guerras. Como poderemos despreocupadamente rir dos textos de Valentin, que se reportam a um universo labiríntico e tortuoso, onde inexistente qualquer centelha de razoabilidade, depois do que a humanidade fez a si própria durante a Segunda Guerra Mundial?

Não é, assim, de estranhar que Samuel Beckett, depois de ter assistido a um espectáculo de Valentin, em Munique, no ano de 1937, época áurea da ascensão do nazismo ao poder, tenha comentado «rimos tristemente». Se o absurdo fosse algo distante da nossa realidade, nunca os nossos risos seriam tão intensamente dolorosos. Essa é a razão pela qual, por exemplo: uma simples oferta de bilhetes para o teatro é fonte de gigantescos problemas no seio das rotinas de um casal (*A Ida ao Teatro*); a ausência de afectividade nas relações familiares justifica a apresentação, por parte

de um pai à sua filha, da conta integral de todos os gastos que teve com ela até à sua emancipação (*Conta*); o descontrolo verbal de uma mãe que vai casar o seu filho mostra-nos a insanidade perante a futura solidão (*Plaina Mecânica*); o insuportável emaranhado burocrático exhibe a nossa impotência num sistema desumanizado (*Encadernador Wanninger*); a patética linguagem amorosa expõe a nossa fragilidade (*A Carta de Amor*); e qualquer associação constituída, por mais pequena e insignificante que seja, demonstra como o Homem vive obcecado com o poder (*A Liga das Amigas dos Gatos*).

Ricardo Neves-Neves, com sábia mestria, pontuou o humor de Albee na futilidade e ligeireza com que os actores se apresentaram em palco, excepção feita, e bem, a Abigail, cujos contornos trágicos impediam-na de adoptar o mesmo desprendimento mundano. Acentuou ainda essa tonalidade risível ao repetir determinadas cenas, atribuindo-lhe desfechos distintos (como aconteceu no encontro entre Benjamin e Daniel na praia, que numa das opções se cumprimentam sem grande intimidade e noutra se beijam); e ao recorrer, nas duas situações musicais, ao coro CoLeGaS (Coro Lésbico, Gay e Simpatizante da ILGA Portugal), sentado na primeira fila da plateia, que, para surpresa dos espectadores, se levanta, se volta para o público e canta.

Romeu Costa, Rita Cruz, Luís Gaspar e Tânia Alves revelaram-nos sólidos desempenhos nos papéis de Benjamin, Abigail, Daniel e Cordélia, sendo particularmente convincente a ingenuidade e emotividade dos primeiros em contraponto com a mordacidade e frieza dos segundos. Rita Cruz transportou-nos, no meio da frivolidade das demais personagens, para o âmago fatídico do sofrimento amoroso, apoderando-se das nossas emoções. Também Cucha Carvalheiro, Custódia Gallego e Marques D'Arede, nas construções perfeitas de Gertrudes, Edmee e Henden, desvendaram a intensa tristeza que se oculta atrás da alegre vivacidade. Por fim, o estreante Tadeu Faustino evidenciou a inocência e curiosidade fatal da adolescência, numa representação irrepreensível.

Em momento de criativa inspiração, Tiago Pinhal Costa preencheu o palco com uma base de linóleo pintada com as várias tonalidades da pele humana, simulando a areia, onde colocou estrategicamente oito espreguiçadeiras brancas, rapidamente preenchidas por toda a parafernália dos veraneantes na praia (toalhas, sacos, mochilas, bolsas, bonés, chapéus, cremes, livros, revistas). De destacar, a roupa leve e colorida, exemplarmente seleccionada por José António Tenente, de que se salienta o vermelho de Abigail (símbolo da sua tormentosa e infernal destemperança

que a leva a tentar o suicídio), o branco de Henden (que morre suave e calmamente no final) e o preto de Gertrudes (a cor perfeita para uma viúva).

Por sua vez, em *Karl Valentin Kabarett*, Ricardo Neves-Neves, socorrendo-se de várias canções populares alemãs do início do século XX cantadas pelos próprios actores, de um cantor profissional que interpreta algumas delas a solo e de uma exuberante orquestra de dez elementos em palco, criou um espectáculo de ritmo alucinante e minuciosa perfeição, onde cada peça da engrenagem dependia inexoravelmente do desempenho das demais, não admitindo a possibilidade humana do erro. Por isso, a dança, a música, as vozes, cantadas ou faladas, os gestos e as luzes implicaram uma cronometração ao segundo, sendo o espectáculo, todo ele, harmonicamente pautado pelo ritmo do seu maestro encenador. Contrariamente à maioria dos encenadores contemporâneos, Neves-Neves assume-se como um programador compulsivo das performances dos seus actores, erigindo como sua prioridade que cada espectáculo seja exactamente igual ao anterior, sem cedências às interpretações momentâneas e diariamente variáveis de cada actor.

Essa exigência de profissionalismo e competência é particularmente visível neste espectáculo, no qual, a título exemplificativo, a coordenação vocal é essencial para o desempenho modelar dos actores. Veja-se *A Liga das Amigas dos Gatos*, inesquecível momento de humor, em que a mais insignificante falha de Tânia Alves e Sílvia Figueiredo teria fatalmente destruído a genialidade do momento.

De destacar igualmente *Conta, Plaina Mecânica, Encadernador Wanninger* e *A Carta de Amor*, em fantásticos desempenhos de Fernando Gomes e Elsa Galvão, veteranos actores do teatro independente e cómico nacional. Memorável também o momento hilariante em que Márcia Cardoso surgiu a fazer de nova mangueira dos bombeiros em *Um Fogo e Pêras*, o monólogo *nonsense* de Sílvia Figueiredo, travestida de homem, em *O Aquário*, a absurda contracenana acerca do suor entre Márcia Cardoso e José Leite em *A Discoteca*, a impressionante capacidade de dicção de Joana Campelo em *Na Farmácia*, a exasperante alegria tola de Vítor Oliveira em *No Chapeleiro* e o grito de ostensiva rebeldia ao proclamar «Viva a estupidez» de Rita Cruz em *Desvalorização da Moeda*.

Num cenário musical, com a orquestra sempre presente, rigorosamente dirigida por Rita Nunes, e com figurinos típicos dos musicais de cabaré dos anos vinte e trinta do século XX, os actores cantam, dançam e contracenam, pontuados por uma multiplicidade de cores, num excelente jogo de luzes produzido por El Duplo.

O humor inteligentemente recriado nestes dois espectáculos revela-nos a maturidade de um encenador seminal e de um grupo de actores de assinalável virtuosismo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

VALENTIN, Karl, *A Fanfarra e Outros Textos*, trad. Luiza Neto Jorge, Maria Adélia Silva Melo, Osório Mateus e Almeida Faria, Coleção Livrinhos de Teatro, n.º 48, Lisboa, Cotovia, 2010.